

A CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX

Stéla Piccin¹

Resumo:

Este artigo tem como principal objetivo fazer alguns apontamentos acerca da constituição da Análise de Discurso-AD Francesa, fundada por Michel Pêcheux. A metodologia consiste em uma análise bibliográfica, especialmente a partir de estudos e reflexões acerca da Análise de Discurso-AD francesa. Para tanto, em um primeiro momento, é necessário situar os pressupostos dessa corrente teórica explicitando seus conceitos para apresentar considerações acerca de como a Análise de Discurso contribui para pensar os sentidos que se reverberam na linguagem. Além disso, destaca-se o caráter interpretativo que a teoria requer, visto que opera com os sentidos que deslizam nos discursos.

Palavras-chave: análise de discurso; sentido; linguagem.

Abstract:

This article has like main objective does some notes about the constitution the French Discourse Analysis-DA, founded by Michel Pêcheux. The methodology consists of a bibliographical analysis, especially from studies and reflections on the French Discourse Analysis-DA. Therefore, at first, it is necessary to situate the presuppositions of this theoretical current explaining their concepts to present considerations about how Discourse Analysis helps to think the senses that are crossed in the language. Besides, there is the interpretative character stand out that theory requires, for it operates the senses slipping in speeches.

Keywords: discourse analysis; sense; language.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Bolsista PROSUP-CAPEES. E-mail: stelapiccin@mx2.unisc.br

1 INTRODUÇÃO

“restará sempre, por trás de nossas afirmações sobre a linguagem, mais linguagem viva do que estar conseguindo fixar sob nosso olhar”
(MERLEAU-PONTY, 2007, p. 196).

Considero que ao iniciar este artigo acerca da Análise de Discurso-AD, de Michel Pêcheux (1938-1983), é necessário fazer um breve panorama de como a teoria foi se constituindo de modo que hoje é concebida como uma forma de conhecimento para pensar a educação. Contudo, vale lembrar, com Santos (2013), que a Análise de Discurso se caracteriza como uma disciplina em constante processo de desconstrução-reconfiguração-experimentação.

O Fundador da Análise de Discurso francesa, Michel Pêcheux (1938-1983), graduou-se em filosofia na Escola Normal Superior de Paris, em 1963. E, em 1966, ingressou no Laboratório de Psicologia no Centre National de La Recherche Scientifique (CNRS). Sua trajetória acadêmica foi dedicada aos estudos da Análise de Discurso. Entre os seus primeiros escritos, destaca-se o livro *Análise Automática do Discurso* de 1969, no qual apresenta os pressupostos da AD.

Ao estudar o percurso do filósofo, é possível identificar como foi influenciado por diversas teorias, passou por diversas transformações e aprofundou suas proposições. Pêcheux, assim como outros teóricos, foi influenciado pelas questões sociais e políticas na constituição de suas proposições, o que pode ser identificado através dos referenciais teóricos que o autor utilizou e das problematizações que suscitou em seus estudos. De acordo com Orlandi (2005), a partir de referências de G. Canguilhem e L. Althusser, Pêcheux reflete acerca da história da epistemologia e da filosofia do conhecimento empírico com objetivo de reorganizar esse campo de conhecimento, levantando questões tanto da Linguística quanto das Ciências Sociais. A proposta pecheuxtiana questiona o esquecimento da historicidade por parte da Linguística e a transparência da linguagem nas Ciências Sociais (ORLANDI, 2005).

Nesse percurso, destaca-se a influência althussero-lacaniana na qual Pêcheux desconstrói alguns aspectos de teorias objetivistas e subjetivistas e propõe uma aproximação entre ideologia, discurso e subjetividade na qual o sujeito faz parte de “uma formação social que se reconhece como sujeito por práticas no interior de formações ideológicas, referendadas por meio de formações discursivas” (SANTOS,

2013, p.218). A partir disso, Pêcheux tensiona, também, a concepção de língua de Saussure, segundo a qual “a língua é entendida como sistêmica, objetiva, coletiva e objeto dos estudos linguísticos, a fala é concreta, individual, variável, portanto, subjetiva e excluída desse campo de estudos” (SANTOS, 2013, p. 212). Para Pêcheux (1993), esse entendimento não contemplava o discurso, uma vez que “a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a *função* de exprimir sentido” (p. 62). Nesse sentido, o autor destaca, ainda, que nessa concepção o “texto” não é um objeto que possa interessar a linguística porque “ele não funciona; o que funciona é a *língua*” (p.62). E, se a linguística estava interessada apenas no funcionamento da língua, não havia espaço para pensar acerca de como o discurso exprime sentido bem como dos diversos aspectos políticos, sociais e históricos que estão presentes nos discursos e que os tornam variáveis e em constante transformação.

Tendo em vista esse contexto, Pêcheux (1993) destaca que a linguística, ao se estabelecer nesse terreno, deixa lacunas, especialmente no que se refere ao sentido. Henry (1993) ressalta que o teórico recusa completamente a concepção da linguagem como instrumento comunicativo “é justamente para romper com a concepção instrumental tradicional da linguagem que Pêcheux fez intervir o discurso e tentou elaborar teoricamente, conceitualmente e empiricamente uma concepção original sobre este” (p. 26). Discurso entendido como efeito de sentido dentro da relação linguagem e ideologia, conforme explana Santos (2013). Já Orlandi (2003) lembra que, na abordagem da Análise de Discurso, o discurso não é apenas transmissão de informação em um processo linear em que alguém fala e um receptor capta e decodifica uma mensagem como, por vezes, é compreendido ao se considerar a linguagem como instrumento comunicativo. Discurso vai muito além da comunicação, pois é uma ação do sujeito de operar na e através da linguagem. A partir disso que:

Pêcheux, em seu legado epistemológico, postula a AD como a articulação entre o materialismo histórico, entendido a partir da teoria das formações e transformações sociais, que compreende a teoria das ideologias; a linguística, como teoria que estuda, concomitantemente, a sintaxe e os processos de enunciação; e a teoria do discurso, que investiga a determinação histórica dos processos semânticos. (SANTOS, 2013, p. 213).

Pêcheux faz essa interlocução entre materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso ao se deparar com a carência de uma concepção capaz de sustentar uma teoria da análise do discurso, visto que a abordagem linguística não oferecia o suporte que isso implica. Além disso, é necessário lembrar que não se trata apenas de analisar o discurso, mas de problematizar como os sujeitos são constituídos através dos discursos permeados de sentidos que expressam um modo de estar em linguagem.

Em função disso, que na AD, o sujeito “não é o ser real, o indivíduo, o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, carregado de marcas sócio-histórico-ideológicas que se imagina como fonte de sentido” (SANTOS, 2013, p. 229). Não está em jogo a subjetividades dos indivíduos, mas como produzem e reproduzem discursos de acordo com os diferentes contextos que vivenciam. Brandão (2004) afirma que o “centro da relação não está nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre eles. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro e o espaço de interação é o texto. (p. 76). Ou seja, constrói a identidade nos espaços discursivos que fazem parte de seu contexto social e ideológico. Assim, o sujeito é parte de uma conjuntura histórica, na qual é determinado pelo inconsciente e pela ideologia (BRANDÃO, 2004).

A ideologia ocupa um espaço central na AD, principalmente pelo fato que Pêcheux tentou re-significar a concepção de ideologia a partir da consideração da linguagem (ORLANDI, 2003). Isto é, uma definição que englobasse uma noção discursiva possibilitando aporte para estudar como a ideologia constitui o sujeito e está presente no discurso. Assim sendo, Orlandi (2003) explica que a ideologia produz evidências e coloca o sujeito na relação imaginária com suas condições materiais de existência bem como “é a condição para constituição do sujeito e dos sentidos” (p. 46) visto que a ideologia é um “conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade” (p. 48). Em função disso, o sujeito pode ocupar posições de sujeito distintas. Posições que não são fechadas, visto que os sentidos deslizam e os sujeitos podem mudar de posição de acordo com o contexto e com as condições de produção dos discursos.

Orlandi (2003) explica, também, que as condições de produção são o contexto imediato de um discurso no qual está implicado o contexto sócio-histórico e ideológico do sujeito. Segundo a autora, as condições de produção funcionam de acordo com certos fatores. Sendo um deles a relação de sentido, na qual todo discurso se relaciona com outros da mesma forma que sustenta e aponta para outros discursos

em um processo discursivo mais amplo e contínuo, o que expressa que não há começo nem ponto final para o discurso. Outro fator é o da antecipação, em que, o sujeito pode se colocar no lugar de seu interlocutor produzindo assim os efeitos de argumentação que deseja com um discurso. Por fim, há as relações de força que dizem respeito ao lugar a partir do qual o sujeito fala, como, por exemplo, as palavras de um professor significam de modo diferente se falasse como aluno (ORLANDI, 2003).

As condições de produção do discurso estão relacionadas com a memória discursiva bem como com as formações imaginárias. De acordo com Santos (2013), se entende como memória discursiva “um conjunto de dizeres já expressos que são base a todo dizer” (p.219). De acordo com Orlandi (2003, p. 31) nessa perspectiva a memória é tratada como interdiscurso o qual “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada”. Já as formações imaginárias são constituídas pelos já-ditos, pelo saber de cada sujeito acerca de uma situação histórica determinada (ELIAS et.al, 1999). Para Pêcheux (1993), todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias visto que

as diversas formações resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provavelmente de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco (PÊCHEUX, 1993, p. 85).

Por isso, um sujeito pode mudar de posição, pois é atravessado pelos processos anteriores, ou seja, os já-ditos. Ao analisar um discurso pedagógico, por exemplo, percebe-se que o contexto, isto é, as condições de produção e as posições de sujeito, produzem um determinado discurso que vai se afirmando e, por vezes, é reproduzido porque constituem formações imaginárias que são recorrentes na educação, pois muitos já-ditos continuam reverberando sentidos e influenciando nas práticas desenvolvidas.

Além disso, é preciso levar em consideração as formações discursivas, um dos principais conceitos da AD. Segundo Vedovato e Lenz (2013, p. 01), a noção de formação discursiva foi “emprestada de Foucault e desenvolvida a partir de uma ótica marxista”. As autoras explicam que na compreensão foucaultiana as formações discursivas eram concebidas como um conjunto de saberes uma vez que estavam

sujeitas aos acontecimentos e as sistematizações impossibilitando pensar em termos de unidade. Vedovato e Lenz (2013, p. 03) salientam que Pêcheux

mesmo sem mencionar Foucault, vai considerar os escritos foucaultianos para propor a definição de Formação Discursiva que se relaciona diretamente com as Formações Ideológicas e só é possível de apreensão se tomada a partir da análise do interdiscurso. Esse interdiscurso remete a outras Formações Discursivas, o que reafirma a constância do conceito de FD permeando toda a teoria da Análise do Discurso.

Orlandi (2003) também apresenta algumas reflexões a respeito das formações discursivas e reconhece que o conceito é polêmico, contudo afirma que é básico para a AD, já que as formações discursivas “podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configuração específicas dos discursos em suas relações” (p. 43). Para a autora, o sentido não é predeterminado pela língua e pela história, mas depende das relações das formações discursiva, que podem ser definidas “como aquilo que uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que e deve ser dito” (ORLANDI, 2003, p. 43). Nesse contexto, que as formações discursivas são tão importantes, pois intervêm nas formações ideológicas determinando o que deve ser dito. Contudo, a noção de formação discursiva não é um ponto pacífico na AD, visto que o conceito é retomado diversas vezes por Pêcheux bem como por Jean-Jacques Courtine, que foi seu aluno (VEDOVATO; LENZ, 2013).

Pêcheux (1978), no início de um de seus livros, alerta o leitor que há muitas lacunas que merecem atenção nos seus primeiros pressupostos e explicita como procura retomá-los em suas escritas de maneira que possam se tornar mais consistentes e coerentes, o conceito de formação discursiva é um exemplo. Considero pertinente destacar esse apontamento de Pêcheux, uma vez que, na medida em que a AD se consolida como um forma de conhecimento, o interesse não está em oferecer respostas e explicações definitivas, mas lançar proposições para que seja possível pensar acerca de como os sentidos que os sujeitos atribuem as palavras, configuram modos de estar no mundo.

2 ANÁLISE DE DISCURSO: UMA AÇÃO INTERPRETATIVA EM LINGUAGEM

Conforme já explicitado, Pêcheux procurou romper com a concepção da linguagem como mero instrumento comunicativo. Nesse sentido, considero possível fazer algumas aproximações da Análise de Discurso com apontamentos de autores no que se refere à compreensão de linguagem. As problematizações da Análise do Discurso são indissociáveis de um modo de pensar que concebe a linguagem como ação que constitui o humano: “objetivo da AD é desvelar a opacidade da linguagem através da análise de efeitos de transparência evidenciados no discurso dos sujeitos” (ELIAS et.al, 1999).

Orlandi (1994) explica que a AD não é apenas uma aplicação da Linguística sobre as Ciências Sociais, mas sim uma forma de conhecimento que leva em conta a própria ordem da linguagem, o sujeito e a situação. A autora destaca, ainda, que no discurso é possível aprender a relação entre linguagem e ideologia, pois “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já-lá)” (ORLANDI, 1994, p. 54)

Nessa mesma perspectiva, Orlandi (2003) ressalta que o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: “a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural social” (p. 15). Discurso como um dos modos do sujeito produzir sentido no mundo. Contudo, o sujeito não tem total domínio de seu discurso, pois está inserido em um determinado contexto em que a memória discursiva e formação imaginária influenciam o que vai ser dito. A partir disso, o discurso “é entendido em uma eminência histórica e social, em que a linguagem é apreendida não com mera unidade significativa, passível de decodificações, mas como efeito de sentido entre sujeitos” (SANTOS, 2013, p. 233). Efeito de sentido entre sujeitos na e pela linguagem a qual não é transparente, pois é justamente na sua opacidade que reverberam diferentes sentidos acerca de um mesmo assunto, pois o discurso, ao ter essa eminência histórica e social, representa experiências de pensamentos, modos de viver em sociedade. Esses entendimentos colaboram para sustentar uma compreensão de linguagem como aquilo que instaura o humano no mundo.

Dentro do seu aporte teórico, a Análise de Discurso é uma ação interpretativa visto que não é um campo de certezas e afirmações fechadas em relação aos sentidos que permeiam os discursos. Consiste em uma interpretação, um olhar lançado a respeito de alguma situação dentro das possibilidades que o contexto oferece, pois, como salienta Orlandi (2003, p. 26) “não há verdades ocultas atrás do texto. Há

gestos de interpretação que constituem o que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender”.

Gestos de interpretação que são atravessados pelos sentidos do sujeito que está na posição de analista de discurso. Sujeito que tem suas formações ideológicas e imaginárias que influenciam na interpretação. Para Ernst-Pereira e Mutti (2011) o analista de discurso é um sujeito histórico que retoma pressupostos da área em que está inscrito utilizando elementos da teoria-análise como uma ferramenta para problematizar e repensar realidades: “e ao lidar com o heterogêneo do discurso, com as derivas do sentido, o resultado de cada análise não contorna exatamente o real, embora a ele aponte” (p. 825). Por isso, uma análise não pode ser definida *a priori*, pois não há como definir quais os sentidos que serão evidenciados pelo analista bem como quais não serão suscitados.

Ernst-Pereira e Mutti (2011) situam a AD no cenário da pesquisa e expressam a importância do analista em formação e qual *corpus* será analisado. Para as autoras, há três conceitos que são essenciais para o pesquisador observar um *corpus*: *falta*, *o excesso* e *o estranhamento*. *Falta* como estratégia discursiva em que pode ocorrer omissão de palavras e de elementos interdiscursivos em que há espaços de incompletude bem como pode mascarar diferenças entre posições de sujeito. É necessário que o analista tenha um dispositivo teórico-metodológico, considerando as condições de produção históricas e/ou enunciativas do sujeito bem como do discurso que produz. Enquanto o *excesso* diz respeito ao que está demasiado presente no discurso de maneira proposital com objetivo de estabelecer a relevância de alguns saberes em uma determinada formação discursiva através da repetição. Já o *estranhamento* se refere ao conflito que o analista se depara com características de imprevisibilidade, inadequação rompendo (ou não) com a estrutura linear de um enunciado promovendo um o distanciamento daquilo que é esperado. A partir disso, Ernst-Pereira e Mutti (2011, p. 830) salientam que, para o analista, esses conceitos constituem a “perspicácia e conhecimento para identificar as infindáveis formas que o dizer e o não-dizer podem tomar”.

O analista enquanto ser histórico é atravessado por sentidos que podem influenciar no resultado da análise, pois, como destaca Echeverría, o humano produz sentido através da linguagem, pois é mediante a invenção permanente de relatos e das ações que se pode transformar a si mesmo e ao mundo:

Basta perguntar a alguém “Quem és?”, para reconhecer que o que obtemos de volta é um relato, uma história em que – relatamos – quem somos. Nossa identidade está diretamente associada a nossa capacidade de gerar sentido através de nossos relatos. (ECHEVERRÍA, 2006, p. 57).

Relato que é interpretativo já que os sentidos se reverberam e se atravessam no vivido, permitindo sempre outros modos de ler o mesmo discurso. Ernst-Pereira e Mutti (2011) destacam que o próprio Pêcheux definiu a AD como uma disciplina de interpretação na qual há postulados definidos, mas que estão abertos a novas possibilidades de interpretação. Orlandi (1994) também defende essa concepção e afirma que “a relação do homem com a linguagem é constituída por uma injunção à interpretação” e evidencia que a interpretação está implicada com as condições de produção do discurso “a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais, eternas” (p. 57).

Por isso, cabe ressaltar que os discursos não são estáticos, mas dinâmicos porque emergem nas relações humanas. Trata-se de uma questão de pertencimento ao mundo que permite que os sujeitos possam fazer partes de grupos, em que há uma consensualidade entre os discursos. Contudo, os sentidos que reverberam a partir dos discursos não são determinados a priori, posto que vão se constituindo nos diferentes espaços linguageiros. Brandão (2004) reforça essa concepção e afirma que nem o sujeito nem o sentido são dados a priori, pois é dentro das formações discursivas que as palavras adquirem sentido dado que o sentido “é algo produzido historicamente pelo uso e o discurso é o efeito do sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas” (p. 81). A esse respeito, Pêcheux (1997) enfatiza que as palavras, as expressões ou as proposições não têm apenas sentido literal porque o sentido se constitui em cada formação discursiva. Além disso, de acordo com o autor, a língua não é estável visto que os sujeitos estão sempre em processo de significação. Em outras palavras, a composição dos sentidos ocorre na opacidade da linguagem de cada formação discursiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses apontamentos em relação à Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, reforçam sua afirmação como uma ação de interpretação através da linguagem e não apenas da materialidade da língua, pois se AD contemplasse

somente a materialidade linguística não teria se caracterizado como uma teoria, isto é, como uma forma de conhecimento. Nesse sentido, considero que as rupturas e as aproximações que Pêcheux fez ao longo de seu percurso foram necessárias e essenciais para as proposições da AD.

Além disso, a AD é uma abordagem que possibilita problematizar outras áreas do conhecimento, como a educação, por exemplo. Ao analisar discursos relacionados à educação, possivelmente, serão identificados muitas formações discursivas que sustentam e fomentam teorias que atribuem sentido as práticas da educação. Assim, pensar acerca do discurso é problematizar essas ações, lançar possibilidades e se aventurar pelos sentidos da linguagem e da educação.

Enfim, o que mobilizou a escrita deste artigo foi o desejo de lançar reflexões acerca da constituição da Análise de Discurso, de Michel Pêcheux, e como seus pressupostos oferecem aporte teórico para pensar a linguagem para além de sua potência comunicativa. Nesse sentido, os princípios da AD remetem a investigar, cada vez mais e de modo mais profundo, a opacidade da linguagem, o limiar de dar visibilidade ao sensível.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontología del lenguaje**. Buenos Aires: Granica, 2006.

ELIAS, et.al. Entre o dizer o fazer: um exercício de análise do discurso. In: LEFFA, Vilson. J; PEREIRA, Aracy. E. (Orgs.). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: EDUCAT, 1999. p. 109-128.

ERNST-PEREIRA, Aracy.; MUTTI, Regina. M. V. O Analista de Discurso em Formação: apontamentos à prática analítica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 11 Jan. 2016.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” Michel Pêcheux (1996). In: GADET, Françoise.; HAK, Tony (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993.

LEDOVATO, Luciana; LENZ, Cristiane. **O conceito de formação discursiva – múltiplos olhares**. Anais do VI SEAD, Porto Alegre, 15 a 18 de outubro de 2013. Disponível em:

<http://anaisdosead.com.br/6SEAD/PAINEIS/OConceitoDeFormacaoDiscursiva.pdf>

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Prefácio de Claude Lefort. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817. Acesso em: 13 Jan. 2015.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Lingua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1, junho. 2005. Disponível em: www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3 Acesso em: 19 Out. 2016.

PÊCHEUX, Michel; Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 75-92.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Hacia el análisis automático del discurso**. Tradução de Manuel Alvar Ezquerro. Madri: Gredos, 1978.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 207-233.

Artigo recebido em: 15/08/2016

Artigo aprovado em: 03/10/2016